

Retorno precoce por sepse ao departamento de Emergência: quem e por quê?

Tarcylio Esdras de Almeida Rocha, Vanessa Gomes Martins, Thaís Saraiva Leão Cunha, Maria Leliany Rosa Arruda, Roger Pereira Valim
Instituto de Saúde e Gestão Hospitalar - ISGH - Fortaleza (CE), Brasil

Objetivos: Analisar o perfil dos pacientes que após um primeiro atendimento em uma unidade de pronto atendimento (UPA), retornaram em até 72 horas por sepse.

Métodos: Trata-se de um estudo transversal, no período de janeiro a dezembro de 2018, incluindo 91 pacientes que abriram protocolo sepse após retornarem à unidade de pronto atendimento em até 72 horas do primeiro atendimento.

Resultados: Dos 91 pacientes com protocolo sepse aberto no retorno à unidade, 52,7% estiveram na unidade em menos de 24 horas, 30,7% entre 24 e 48 horas e 19,7% entre 48 e 72 horas. A maioria desses pacientes eram do sexo feminino (59,3%), com mediana de idade de 65 anos. Apesar da ausência de registro em alguns prontuários, observou-se, na análise do último atendimento, que 19,8% não apresentavam queixas sugestivas de infecção, 19,8% apresentavam infecção, porém sem sinais de Síndrome da Resposta Inflamatória Sistêmica (SRIS), 19,8% tinham pelo menos 2 critérios de SRIS e 15,4% já apresentavam sinais de disfunção orgânica clínica. Observou-se ainda que 53,8% retornaram após terem recebido alta médica e 46,2% saíram com atendimento médico incompleto (não aguardaram os resultados dos exames solicitados). Em relação à classificação de risco do Protocolo Manchester: 48,4% mantiveram o mesmo risco do atendimento anterior, 36,3% voltaram com piora e 15,4% apresentaram melhora do risco. Após abertura do protocolo sepse e solicitação de transferência, 44% desses pacientes foram transferidos para um hospital de apoio, 19,8% foram à óbito (8,8% em menos de 24h), 14,3% saíram da unidade por evasão, 22% receberam alta médica.

Conclusão: Apesar do montante de retornos precoces com abertura do protocolo sepse ser pequeno frente ao número de atendimentos por mês (0,06%), trata-se de um grupo que merece ser estudado, já que foi percebido que alguns pacientes já apresentavam critérios formais de abertura do protocolo já no primeiro atendimento, evidenciando a necessidade do treinamento da equipe para o reconhecimento precoce dos sinais de sepse.